

Angela Bartens
Niclas Sandström

Universidade de Helsínquia; angela.bartens@helsinki.fi, niclas.sandstrom@helsinki.fi

Novas notas sobre a construção com *ser* focalizador*

1. Introdução

O propósito deste contributo é chamar novamente a atenção a uma construção ibero-românica, denominada «estrutura com verbo *ser* focalizador» (Sedano 1988; 1994), «construção com *ser* enfático» (Kany 1969; Lipski 1994:351; Curnow & Travis 2003), «perífrases copulativas» (Moreno Cabrera, 1999), «*ser* intensivo», «uso pleonástico de *ser*» (Lipski 1994:215, 252, 300) ou «semi-pseudoclivadas» (Melo e Abreu 2001). A multiplicidade da terminologia revela que não se tem notado que se trata duma só construção. Um dos objetivos da nossa contribuição é uniformizar a terminologia utilizada com respeito à construção que pretendemos fazer postulando um bloco pragma-sintático que achamos uma ferramenta útil para a descrição desta construção.

Contrariamente ao que afirma Melo e Abreu (2001:102), a construção não é de modo nenhum exclusiva ao português entre as línguas românicas mas ocorre também no espanhol, aliás sobretudo no espanhol da antiga Gran-Colômbia (Colômbia, Venezuela, Equador e Panamá actuais).

Neste trabalho, queremos em primeira instância comparar as construções portuguesa e espanhola. O nosso corpus de exemplos espanhóis é constituído por exemplos recolhidos de falantes do espanhol colombiano, do corpus CREA da Real Academia Española e mais uns exemplos da literatura sobre o fenómeno, no total 60 casos. Como Melo e Abreu (2001), a única descrição da construção na língua portuguesa que saibamos, trata exclusivamente do português europeu, outra meta é constituída pela intenção de abordar as particularidades da construção no português brasileiro. Por isso, fizemos um inquérito com uns estudantes e professores da Universidade de São Paulo, com exemplos inspirados em Melo e Abreu (2001) mas lexicalmente adaptados ao português brasileiro. Os julgamentos de gramaticalidade dos nossos informantes brasileiros serviram-nos de base para a constituição do nosso corpus português, de 27 entradas no total.

* Agradecemos a Liisa Melo e Abreu a revisão lingüística do texto. Também queremos expressar a nossa gratidão aos nossos informantes brasileiros principais, Marcello Modesto, Franciso da Silva Xavier, Thiago Humberto do Nascimento e Débora Taima.

2. Primeira abordagem descritiva da construção estudada

Eis uns exemplos da construção que estamos analisando:

- (1) Pedro ligou foi para a Paula. (frase aceite pelos informantes brasileiros)
- (2) Elloh por lo general cuando yo estoy hablan es creole. (falante colombiana originária de Valledupar)
- (3) Yo quería era dulces. (falante colombiana originária do Valle del Cauca)
- (4) Ahora lo cantan es a las doce de la noche. (falante venezolano, CREA)

Ao contrário do que esperávamos a partir da literatura sobre a construção, ocorre, pelo menos marginalmente, incluso no espanhol peninsular:

- (5) ... y no quiero es tirarme diez años. (CREA)

Com respeito ao uso no espanhol venezuelano, Kany (1969:303) cita Rosenblat que afirmava que na Venezuela, a construção era típica da fala da região andina. Contudo, os trabalhos posteriores de Sedano mostram que também é comum na língua da capital Caracas. É provável que se trate da expansão geográfica da construção.

Também parece haver expansão nos contextos que admitem essa construção. Diz Sedano (1994:512) que actualmente não é possível com o verbo «comodim» espanhol *hacer* ainda que admita a possibilidade de uma gramaticalização futura. Contudo, no corpus CREA, encontramos vários exemplos da construção com *hacer*:

- (6) Ahora ya las misas de aguinaldo las hacen es a las ocho de la noche, temprano... (CREA, Venezuela)
- (7) ... por lo menos aquí hacen es un edificio... (CREA, Venezuela)

No português, porém, não é possível utilizar a construção depois de *fazer*:

- (8) * Ele fez foi deixar de fumar. (Melo e Abreu 2001:116; a agramaticalidade foi confirmada pelos nossos informantes brasileiros).

Há outras divergências no uso da construção em português e em espanhol: o português admite mais tempos verbais na oração matriz, incluindo o futuro, o pretérito perfeito composto e o mais-que-perfeito. As duas primeiras construções não parecem possíveis em espanhol e a última é marginal. No caso do pretérito perfeito composto na oração matriz é em parte devido ao facto de que quase não está usado no espanhol da região da qual provém a maior parte dos exemplos:

- (9) Eles vão chegar é amanhã. (construção aceite pelos informantes brasileiros)
- (10) O João tinha comido/comera foi dobrada. (Melo e Abreu 2001:107)
- (11) La novia de Julio González Cabello, María de los Angeles, había sido es una fortachona de aquellas ra'e. (CREA, Paraguay)

As descrições da construção tanto no português como no espanhol concordam em que existe uma concordância entre os tempos do verbo da oração matriz e da representação do *ser*:

Quadro 1

Verbo oração matriz	ser
Presente, futuro, pretérito perfeito composto	é/ es
Imperfeito	era
Pretérito perfeito, mais-que-perfeito	foi/ fue

Contudo, encontrámos exemplos tanto no espanhol como no português em que a concordância temporal não se respeita. Segundo os nossos informantes brasileiros, a frase (13) é tão aceitável como a (14):

- (12) Después nos fuimos es a Escocia. (CREA, Venezuela)
- (13) Ele foi é para os lados de Ilhéus.
- (14) Ele foi foi para os lados de Ilhéus.

Outra particularidade da construção portuguesa é que o *ser* focalizador se insere entre auxiliar e particípio/verbo, o que não parece ser possível em espanhol e o que poderia parcialmente explicar o menor número de tempos verbais possíveis na oração matriz:

- (15) Vamos é falar com o gerente. (construção aceite pelos nossos informantes brasileiros)
- (16) Manuel anda é apaixonado por ela. (construção aceite pelos nossos informantes brasileiros)

Por outro lado, o que só se dá no espanhol é que o *ser* focalizador sim pode concordar em número com um sujeito plural:

- (17) Él tiene son diez pesos. (Espino, p. 206, citado por Kany 1969:303)
- (18) Es que no me llaman la atención, porque siempre hablan son puras cosas... (CREA, Venezuela)
- (19) Sí, tenemos son seis meses. (CREA, Venezuela)

algo que não é possível em português:

- (20) * Eu não gosto são de bifes. (construção julgada agramatical pelos nossos informantes brasileiros)

Na literatura que trata da construção, não encontrámos menção nenhuma acerca da possibilidade de concordância. Qual é anterior à outra? A construção sem ou com concordância?

O exemplo espanhol mais antigo da construção principalmente estudada, quer dizer, sem concordância de número, que encontrámos dataria do ano 1402:

- (21) pero quanto
pertenesçe a la yntinçion
asaz tenemos es a saber
que por engaño de los perjurados

de noche cerca de
la çibdad aversa llamado¹

Este dado é muito importante já que Sedano (1994:495) afirma que as primeiras atestações da pseudoclivada espanhola que encontrou datam do século XVI mas que não há atestações tão antigas da construção com *ser* focalizador.

Com respeito à área da difusão principal no espanhol americano, Lipski (1994:215) postula que a construção é originária da Colômbia e que se tem espalhado nos países limítrofes no decorrer do século XX, pelo menos em parte em função da emigração colombiana. É certo que a construção faz parte da linguagem oral. Sedano (1988:122) encontrou que é mais frequente na fala de homens de classe média e baixa e de mulheres jovens no espanhol de Caracas. No entanto, este tipo de considerações sociolinguísticas está fora do âmbito do nosso estudo.

As diferenças principais entre o português europeu e brasileiro são, segundo os dados que recolhemos dos nossos informantes brasileiros, as seguintes: as construções com *mas é*, seja no mesmo slot do focalizador antes do foco, seja no fim da oração,² eram inaceitáveis segundo os nossos informantes:

- (22) *Anda mas é comigo.
- (23) *Existe mas é o tempo.
- (24) *Manuel anda apaixonado por ela mas é.
- (25) *Tratou de ligar mas é.

Melo e Abreu afirma que a construção com *ser* focalizador é aceitável nas orações imperativas, que é mais ou menos aceitável em coordenadas e subordinadas e marginal nas interrogativas no português europeu (2001:120-127). Os nossos informantes brasileiros não aceitaram frases imperativas com *ser* focalizador do tipo:

- (26) *Não cuspas é no chão!

Somente o exemplo

- (27) ?Tire é a velhota de aí de dentro.

pareceu-lhes marginalmente aceitável. Dificilmente consideraram exemplos como

- (28) ?Ele veio foi ontem.

como marginalmente aceitáveis. Quanto às coordenadas e subordinadas, foram aceites os exemplos (28) – (30) e rejeitados os exemplos (31) e (32):

- (29) Eu escolhi foi carne e Pedro escolheu foi peixe.
- (30) Parece que eles chegaram foi de Alemanha.
- (31) Julguei que ele vinha era amanhã.
- (32) *Aninhas ficou maldisposta porque comeu foi muitos doces.
- (33) *Se faltares é nem que seja uma vez, dou cabo de ti.

¹ López de Ayala, Pero Caída príncipes. Espanha. Publicação: Eric Naylor, Hispanic Seminary of Medieval Studies (Madison), 1995, encontrado no CORDE da Real Academia Española.

² Notemos que na posição pós-frásica concordância do tempo não se aplica ao focalizador *mas é* no português europeu (Melo e Abreu 2001:112).

Nas exclamativas, no português europeu somente é possível a variante com *mas é* (Melo e Abreu 2001:123-124). Por aparentemente não existir no português brasileiro, também não era aceitável a focalização com **ser** segundo os nossos informantes:

(34) *Tão lindo mas é!

3. Sintaxe da construção

Como foi dito antes, o nosso corpus de exemplos espanhóis consta de 60 ocorrências, o português de 27 exemplos.³ Examinámos tanto as formas verbais que ocorrem na oração matriz como o tipo de frase que constitui o foco à direita do *ser* focalizador e a função gramatical que assume.⁴

Que saibamos, não se tem prestado muita atenção à estrutura argumental dos verbos da oração matriz. Observemos simplesmente o seguinte: certos verbos ocorrem muito frequentemente na oração matriz. Os verbos mais frequentes tanto no português como no espanhol são *querer*, *ter/tener* e *ir* (cf. Apêndice, tabelas 1 e 2). O que os três verbos têm em comum é que requerem um argumento exterior (adjacente no caso de *ir*), quer dizer, que têm dois lugares. Outros verbos que introduzem a construção nas duas línguas são *chegar/llegar*, *ser*, *ver*, *vir/venir*. Ainda que incluso verbos com um lugar podem introduzir a construção com *ser* focalizador, por exemplo *chover* em português, os dados do nosso corpus apoiam a hipótese de que a construção é mais frequente com verbos da oração matriz que têm mais de dois lugares.

Podemos observar que o *ser* focalizador se situa na posição imediatamente à direita do verbo conjugado que muitas vezes funciona como auxiliar da oração matriz. À direita do *ser* focalizador, encontramos seis tipos diferentes de constituintes (FS, FA, FAdv, FN, FP, CVI).⁵ Obtemos o esquema sintáctico seguinte:

[O [(FN) [(N)]] [FV [V₁]]₁ [FV [V₂] [Y]]₂],

que também se poderia escrever:

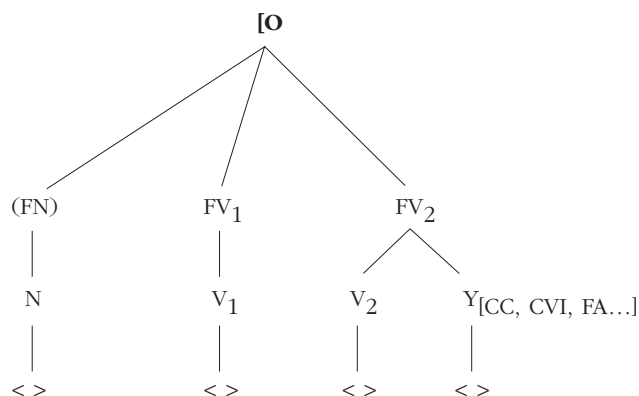
[O [(FN) [(N)]] [FV [V]] [FCR FV [V] [FOC Y]],

onde FCR significa FOCALIZADOR y FOC significa FOCO. A estrutura abstracta do nosso enfoque pode-se analisar, no entanto, também da maneira seguinte:

³ Não contamos os exemplos não aceites pelos informantes brasileiros nem os considerados marginais e nem sequer a totalidade dos exemplos aceites (o inquérito consistia em 97 perguntas) mas tentámos estabelecer um corpus de exemplos variados.

⁴ Para a discussão da noção «foco», ver 4. abaixo.

⁵ FS = frase subordinada, FA = frase adjetival, Fadv = frase adverbial, FN = frase nominal, FP = frase preposicional, CVI = construção verbal com infinitivo.

Figura 1: Estrutura formalizada das orações com *ser* focalizador.

Os slots vazios da figura 1 enchem-se com as formas lexicais correspondentes. O constituinte Y do foco pode hospedar qualquer dos seis elementos já mencionados. As funções assumidas pelos constituintes no nosso corpus apresentam-se no Apêndice, tabelas 3 y 4.

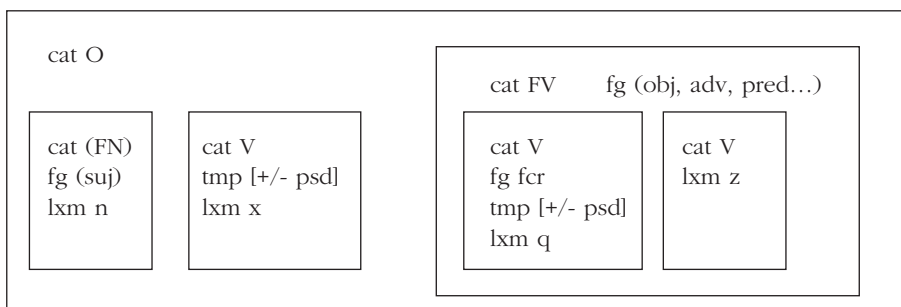
A análise do segmento que segue o *ser* focalizador, quer dizer, o foco, revelou que no espanhol, os casos mais frequentes são as FPs em função adverbial (17 casos) e as FNs em função de complemento de objecto directo (13 casos). Sedano (1994:500) afirma que a construção estudada não favorece a ocorrência de FNs à direita do *ser* focalizador; nesse aspecto, os nossos dados não confirmam a sua hipótese. Em português, os segmentos à direita do *ser* focalizador são novamente FPs em função adverbial (5 casos) e, ao contrário do espanhol, FAdv em função adverbial (6 casos; cf. tabelas 3 e 4).

Por conseguinte, a função mais frequente que as duas línguas têm em comum é a adverbial (ou seja, de adjacente circunstancial), o que não resulta estranho: os adjacentes muitas vezes têm uma função atributiva ligada ao verbo e além disso, os advérbios constituem uma «categoria cesto».

A gramática de construções serve-nos de metodologia para clarificar mais a estrutura abstracta (cf., p.ex., Leino, 2003). Seguidamente vê-se nitidamente como as estruturas com *ser* focalizador se podem analisar segundo a nossa hipótese:⁶

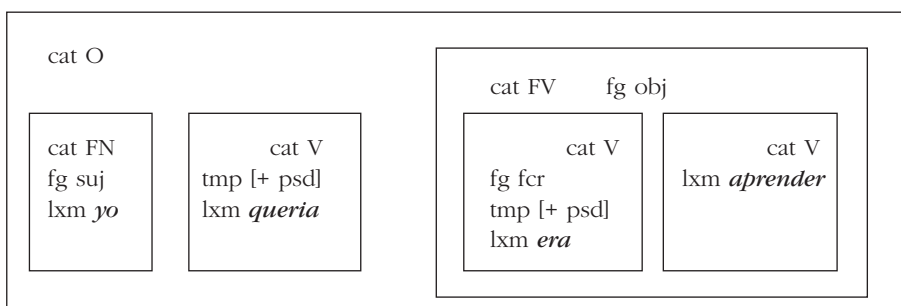
⁶ Cat = categoria, O = oração, FN = frase nominal, V = verbo, FV = frase verbal, fg = função gramatical, fcr = focalizador, lxm = lexema, tmp = tempo, psd = passado. As letras *n*, *x*, *q* e *Y* significam que admitem vários constituintes.

Figura 2: A construção *yo quería era aprender*



Na figura 2 analisámos, para sublinhar o papel da categoria FV como hiperónimo das categorias cat V e cat Y que já tínhamos visto na figura 1. Um exemplo representativo seria *yo quería era aprender* (cf. abaixo):

Figura 3: A construção *yo quería era aprender*



4. Análise

Há vários pontos em que não estamos de acordo com as análises anteriores. Quanto à definição do segmento à direita do *ser* focalizador, muitas vezes se distingue entre «informação nova» e «contraste» (p. ex. Curnow & Travis 2003:7-8; Moreno Cabrera 1999:4299 ainda divide o contraste em «contexto enfático» e «contexto rectificativo», chamando a informação nova de «contexto decisório»), achamos que as duas funções se podem resumir sob a designação «foco».⁷

O facto que o verbo focalizador se conjuga no tempo chamou a nossa atenção para a terminologia. Consideremos o exemplo seguinte:

(35) Lo hicieron fue puro rezado. (CREA, Venezuela)

É obvio que se trata da 3ª pessoa do singular do perfeito simples do verbo *ser*. Então parece inadmissível argumentar que se trate duma partícula como fazem Curnow

⁷ Sedano (1994:496-497) só fala de contraste, o que não corresponde à realidade.

e Travis (2003:4). Como já vimos há, além disso, exemplos em que o verbo focalizador faz concordância de número (exemplos 17-19 acima).⁸

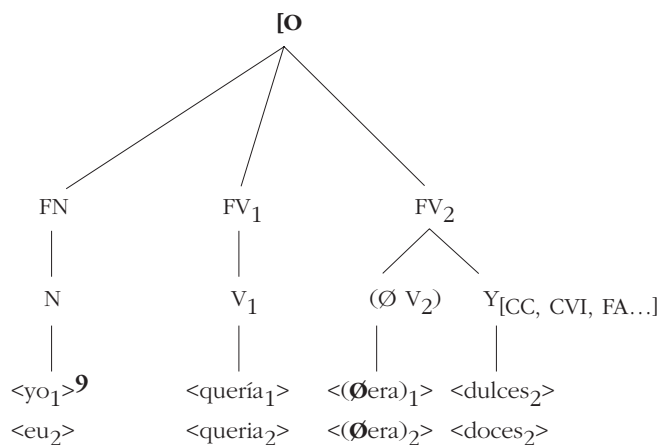
Curnow e Travis (2003:3) também comentam o fenómeno de «clitic climbing» e mantêm que o facto de que um argumento pronominal dum verbo no infinitivo possa subir a ocupar um sítio antes do verbo auxiliar mas que não possa descer à subordinada seria mais um exemplo a favor da interpretação do focalizador como partícula porque, segundo eles, a sequência com *ser* focalizador consiste numa só frase. Kayne (2000:51) apresenta o fenómeno de «clitic climbing» duma maneira mais explícita. Diz que os verbos que atraem complementos infinitivos associados a um tempo independente não aceitam este fenómeno sintáctico. Também nota que, por exemplo, o verbo ‘querer’ não admite o «clitic climbing» em italiano. A situação parece-nos semelhante no português e no espanhol.

Além disso, não está claro em que medida este facto afecte a interpretação do focalizador. Ainda que *es* se encontre em posição anterior ao infinitivo no exemplo de Curnow e Travis (2003:3), não parece lícito interpretá-lo como representante doutro grupo que FV.

Para investigar o fenómeno pragma-sintáctico em questão, precisamos de estender o conceito da FV, como vimos na figura 1. A nossa hipótese que reconhecemos que é bastante ousada é que no nível sintáctico, a estrutura com *ser* focalizador deve dividir-se em duas partes: a primeira é constituída pelo *ser* focalizador e a segunda pelo foco. Ao examinarmos a estrutura *ser* + foco vemos que a elipse do focalizador deixa a oração *yo quería Ø dulces* perfeitamente aceitável (figura 4). Contudo, argumentamos que o focalizador não é o «head» da FV₂ no sentido preciso mas um elemento pragma-sintáctico que analisámos primeiro a partir da pragmática e logo a partir da sintaxe para captar melhor o seu funcionamento. Por esta razão, chamamos o nosso enfoque pragma-sintáctico: permite-nos captar as matizes pragmáticas e não só a estrutura formal.

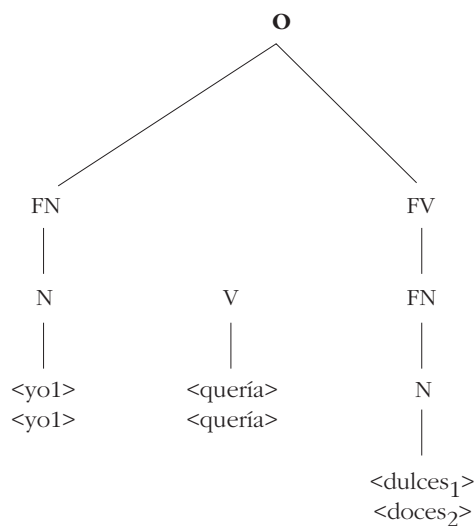
⁸ Uma observação de menor importância é que Curnow & Travis (2003:28) separam em dois exemplos o verbo da oração matriz por vírgula do *ser* focalizador. Não parece uma opção justificada tendo em conta a natureza da construção, quer dizer, que não há uma pausa na cadeia falada entre as duas formas verbais.

Figura 4: A construção yo quería Ø dulces



Com efeito, a oração que vemos acima representa a forma não marcada da oração portuguesa e, também, espanhola. Poderia reanalisar-se da maneira seguinte:

Figura 5: A estrutura da oração não marcada portuguesa e espanhola



A oração na figura 5 contém um sujeito (filha de O), um verbo conjugado e o seu complemento obrigatório que, por ser filha da FV, é um complemento de objecto directo.

⁹ O pronome pessoal não é obrigatório em todas as variantes do português e do espanhol.

Omitimos o constituinte V_2 porque não contém um bloco focalizado com o seu focalizador. Nesta formalização pode-se ver claramente o nosso propósito: a unidade FV_2 consiste num sub-constituente V_2 e um constituinte Y (qualquer dos constituintes já mencionados) que não tem muito em comum com a estrutura pragmaticamente não marcada. De certa forma poderíamos dizer que o *ser* focalizador é um catalizador ou mediador pragmático: transforma uma oração pragmaticamente não marcada em outra, marcada.

Conforme os nossos dados, grande parte das estruturas focalizadas são introduzidas por uma preposição em português. Como observa Melo e Abreu (2001:110), não há restrições quanto à selecção da preposição. Por um lado, isso explica o grande número de FP focalizadas. É preciso, porém, lembrar que o nosso universo de exemplos portugueses corresponde a uns 50% dos nossos dados espanhóis. Em espanhol, as FP também são o grupo de constituintes mais frequente, seguidas tanto pelas FN em função de complemento de objecto directo como pelos CVI que formam complementos oracionais com função de complemento de objecto directo.

A combinação dum verbo com \emptyset lugares e *ser* focalizador poderia talvez analisar-se como uma tendência a focalizar um predicado que tipicamente não tem adjacentes ou só tem um (por exemplo *chover* + adverbos).

Também encontramos um caso com o verbo da oração matriz no mais-que-perfeito (cf. exemplo 11). Seria pensável que o focalizador trouxesse o foco remoto e distanciando mais perto do ouvinte?

Não comentámos a possível derivação das construções com *ser* focalizador a partir de outros tipos de frase. Inicialmente, encontramos na literatura a afirmação de que se trata de uma pseudoclivada com apagamento do primeiro elemento clivador (Kany 1969:303; Moreno Cabrera 1999:4283).¹⁰ Análises mais recentes demonstram, porém, que as construções com *ser* focalizador são permutáveis com frases pragmaticamente não marcadas (mas as pseudoclivadas não o são). Nalgumas ocasiões é possível transformar a construção com *ser* focalizador numa pseudoclivada e *vice versa* mas não em todas. Com respeito ao elemento em foco, as duas construções estão em distribuição complementar (Sedano 1994; Curnow & Travis 2003).

Quanto à questão do apagamento hipotético do primeiro elemento clivador, achamos perigoso especular que uma construção pragmática oral considerar-se-ia uma forma elíptica, reduzida da construção escrita e completa. Isso obrigar-nos-ia a postular estratégias de codificação cognitiva numa forma idealizada, completa, seguida pelo reprocessamento e pela reestruturação da mesma. Este tipo de reflexão parece rígido e inspirado pela gramática normativa. Na nossa opinião, não faz justiça à análise actual da construção oral.

5. Conclusões

Mediante a análise desenvolvida neste trabalho, quisemos rediscutir alguns aspectos da construção com *ser* focalizador tanto no português como no espanhol, fazer comparações entre as duas línguas e também as variantes europeia e brasileira do

¹⁰ Kany propõe como explicação alternativa que se trate da fusão da pseudoclivada com uma frase pragmaticamente não marcada: *lo que quiero es pan + quiero pan > quiero es pan* (Kany 1969:303).

português e chamar a atenção para as múltiplas questões em torno desta construção que requerem mais investigação. Contrariamente ao que se tem proposto em análises anteriores da construção estudada, demonstrámos que o *ser* focalizador é um verbo. Esperamos ter contribuído algo novo ao estudo da mesma e ter indicado novas pistas para seguir.

BIBLIOGRAFIA

- KANY, Charles E. (1969), *Sintaxis Hispanoamericana*, Madrid, Gredos.
- KAYNE, Richard S. (2000), *Parameters and Universals*, New York, Oxford University Press.
- LEINO, Jaakko (2003), *Antaa sen muuttua. Suomen permissiivirakenne ja sen kehitys*, Helsinki, Suomalaisen Kirjallisuuden Seura.
- LIPSKI, John M. (1994), *Latin American Spanish*, New York, Longman.
- MELO E ABREU, Liisa (2001), *Contributo para o estudo das construções com clivagem na língua portuguesa*, Helsinki, Academia Scientiarum Fennica.
- MORENO CABRERA, Juan Carlos (1999), «Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas» in Ignacio Bosque & Violeta Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Espasa, pp. 4245-4302.
- SEDANO, Mercedes (1988), «Yo vivo ES en Caracas: un cambio sintáctico» in Roger Hammond & Melvyn C. Resnick (orgs.), *Studies in Caribbean Spanish Dialectology*, Washington, Georgetown University Press, pp. 115-123.
- SEDANO, Mercedes (1994), «Presencia o ausencia de relativo – Explicaciones funcionales», in *Thesaurus*, vol. XLIX, no 3, 491-518.
- TRAVIS, Catherine E. e CURNOW, Timothy Jowan (2003), "The Emphatic Es Construction of Colombian Spanish", comunicação apresentada na Australian Linguistic Society Annual Conference, University of New Castle.

Fontes electrónicas

CORDE: <http://www.rae.es/>

CREA: <http://www.rae.es/>

Tabela 1

A	Focalizador	B
3 sg. acabó	fue	CVI
3 pl. cantan	es	FP
1 sg. conocí	fue	FP
1 sg. conseguí	fue	FP
3 sg. dio	fue	FAdv, FN
3 pl. empezaron	fue	CVI, FP
1 pl. esperamos	es	FA
1 sg. estoy	es	CVI
1 sg. me fijaba	era	FP
1 pl. fuimos	es	FP
3 sg. fumaba	era	FN
1 sg. hablaba	era	FP
3 pl. hablan	es	FN
3 pl. hacen	es	FP (3), FN
3 sg. hice	fue	FP
3 pl. hicieron	fue	FA, FP
1 sg. juego	es	FN
1 sg. llegué	fue	FAdv
3 sg. se muere	es	FP
1 sg. pensaba	era	FP
1 sg. quiero	es	CVI (3), FN
1 sg. quería	era	FA, CVI, FN
3 sg. quería	era	CC, FP
3 sg. había sido	es	FN
1 sg. soy	es	FN
1 sg. tengo	es	FN (2)
1 sg. tenía	era	FP
3 sg. tenía	era	FN (4)
1 pl. tenemos	es	CVI
1 pl. teníamos	era	CC
1 sg. trabajo	es	FP
3 pl. trajeron	fue	FA
3 sg. va	es	FP (2), CVI
3 pl. van	es	CVI (2), FP
1 sg. veo	es	FN (2)
1 pl. vimos	fue	FN
3 sg. vino	es	FP
1 pl. visitamos	fue	FP
1 sg. vivo	es	FP

Tabela 2

A	Focalizador	B
3 sg. Anda	é	FA
3 pl. vão chegar	é	FAdv
3 pl. chegaram	foi	FP
3 sg. chora	é	FAdv
3 sg. choveu	foi	FAdv
3 sg. come	é	FAdv
3 pl. comeram	foi	FAdv
1 sg. costume	é	CVI
3 sg. deixou	foi	FP
1 sg. escolhi	foi	FN, FP
3 sg. escreve	é	FP
3 pl. existem	é	FN
3 sg. foi	é	FP (2)
1 sg. gosto	é	FP
3 sg. ligou	foi	FP
3 sg. pertence	é	FP
3 pl. querem	é	FN
3 pl. são	é	FA, FN
1 sg. sei	é	FP
3 sg. tinha	era	CC
1 pl. vamos	é	CVI
3 sg. veio	foi	FP
1 sg. vi	foi	FN
3 sg. vinha	era	FAdv

Tabela 3

Constituinte	Função	n = 60
FP	adv	17
FN	COD	13
CVI	adv	5
CVI	COD	5
FN	predicativo	4
FP	COP	3
FAdv	adv	2
FA	predicativo	2
CC	COD	2
FA	adv	1
FA	COD	1
CC	adv	1
CVI	COP	1
FN	subj.	1
FP	COD	1
FP	COI	1

Tabela 4

Constituinte	Função	n = 27
FAdv	adv	6
FP	adv	5
FN	COD	3
FP	COI	3
FP	COP	3
FN	predicativo	2
FA	adv	1
FA	predicativo	1
CC	COD	1
CVI	adv	1
CVI	COD	1

